
VIRTUALIDADES E EDUCAÇÃO

Antonio Carlos Dias Júnior¹

Maria do Carmo Martins²

O segundo número da Revista ETD – Educação Temática Digital do ano de 2020 chega à leitora e ao leitor em meio a um contexto histórico inédito. Mistura de um episódio do universo tecnológico-distópico de *Black Mirror* com o panorama camusiano da Orã acometida pela Peste, vemos a aparente antinomia entre distanciamento e proximidade reconfigurar-se e converter-se em novas formas de sociabilidade e interação. Ao necessário isolamento social imposto pela disseminação virulenta de uma pandemia emerge *mutatis mutandis* um ser humano que não apenas media suas relações sociais via aparatos tecnológicos, mas agora se realiza (em termos ontológicos) através e, em enorme medida, na dependência deles. Potencialmente libertadora e subversiva na mesma medida que repressora e submissa, a *virtualidade* se impõe antes como necessidade que como escolha.

As transformações na intimidade, nos padrões (aliás, poderemos ainda falar em padrões?) de relacionamento social e profissional, enfim, nas variadas formas de interação que derivam mais ou menos diretamente de *ambientes virtuais* colocam em relevo as diversas facetas de um poliedro que reflete e superdimensiona tanto os seus aspectos mais reluzentes quanto os mais sombrios. Não precisamos reexaminar celeumas filosóficas datadas ou transcorrer as obras dos gurus da modernidade tardia para vermos que a tecnologia, aqui tomada em seu sentido mais amplo, é também mercadoria e, como tal, opera pela lógica segundo a qual a disponibilidade de determinado bem é *universalizável*, porém não *universal*. Ela está lá, mas apenas diferencialmente: parece libertar a quem deve libertar e oprimir a quem deve oprimir, reproduzindo em termos materiais, simbólicos e cognitivos dinâmicas bastante conhecidas (e consolidadas) de dominação e submissão.

¹ Pós-Doutor em Sociologia - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Estágio Doutoral na EHESS - Paris, França. Professor do Departamento de Ciências Sociais na Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. **E-mail:** acdiasjr@gmail.com

² Doutora em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Professora livre-docente - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. **E-mail:** carminhapousa@gmail.com

Possui também possibilidades emancipatórias? Não há dúvidas de que sim. Poderíamos citar, entre tantas outras iniciativas contestatórias do *status quo*, ações coletivas em nível global, como o *Software Livre* e a *Iniciativa pelo Código Aberto*, que promovem alternativas aos monopólios informacionais; o ativismo que se organiza, mobiliza e que promoveu uma verdadeira revolução no seio dos movimentos sociais – do qual a *Primavera Árabe*, *Occupy Wall Street*, *Los Indignados* e *Jornadas de Junho* são exemplos; ou ainda as modalidades de jornalismo, como o *Mídia Ninja*, que se opõem à imprensa tradicional e que utilizam as redes sociais para divulgação de suas notícias e conteúdos. Os exemplos são muitos e diversos.

Atualmente, os limites, possibilidades e contradições dos ambientes virtuais reapareceram no contexto educacional como pauta incontornável em face da obrigatoriedade de isolamento social no qual nos encontramos. O assim propalado *ensino remoto* (outra forma em voga para qualificá-lo) aparece como necessidade, por hora temporária, para que estudantes, professores e professoras cumpram com suas respectivas obrigações. Como buscar soluções de manutenção para situações socioculturais que deixam de existir em contextos excepcionais? A busca pelos padrões de “normalidade” anteriores seria algo possível e desejável? Como esperar que os alunos e as alunas tenham condições psíquicas para cumprirem as atividades acadêmicas? E, como lidar com a expectativa que todos e todas tenham condições materiais para desenvolverem suas atividades nesse contexto de isolamento social? Como supor que professoras e professores, sem qualquer capacitação prévia, reúnam condições para oferecer cursos remotos com competência e desenvoltura? As circunstâncias, tão ao gosto dos interesses empresariais na educação, estariam colocando a última pá de cal na resistência à naturalização da pretensa obsolescência do ensino presencial? Por outro lado, de que forma poderíamos utilizar a tecnologia como potente aliada no combate às formas tradicionais, anacrônicas e excludentes de ensino?

Estas são questões que, não obstante as especificidades de cada momento, marcaram a trajetória de nossa publicação. A Revista ETD é um periódico multidisciplinar que sempre se dedicou ao acesso aberto e foi editada em suporte exclusivamente digital (nunca editada em papel, portanto) em um momento que tais opções eram ainda pouco utilizadas no campo educacional. Estávamos em 1999 e o vocabulário utilizado à época sequer poderia supor o alcance semântico e simbólico que o termo *virtual* assumiria: falávamos em “ambiente eletrônico” ou “ambiente online” e tínhamos no horizonte a democratização do acesso por meio da especificidade do suporte. Metaforicamente, pensávamos em termos de *hardware*; hoje a transformação se processa no âmago de nosso *software*, na maneira pela qual nos constituímos social e existencialmente.

Para nós é motivo de orgulho termos publicados ao longo dos anos centenas de textos críticos sobre o uso das tecnologias na educação em suas múltiplas dimensões. Conquanto o “Digital” do título se refira originalmente ao tipo de suporte e não a uma estratégia deliberada de indução de política editorial, o fato é que a ETD é entendida por autoras e autores como veículo privilegiado de divulgação de pesquisas pioneiras neste âmbito. Das submissões que recebemos quase que diariamente, pelo menos a metade delas tem como foco a interface educação e tecnologias.

O número que agora apresentamos não configura exceção. Constituída por originais recebidos exclusivamente via fluxo contínuo de submissões, oferecemos onze artigos dos quais três tratam diretamente de temáticas tecnológicas: cultura digital, robótica e arte e celulares, respectivamente. Há ainda uma entrevista, um relato de experiência e uma resenha. A resenha de livro, embora não trate de educação e recursos tecnológicos, nos convida a refletir sobre a política e a educação nessa era de virtualidades. Os demais artigos abordam as pesquisas em educação em suas variadas formas escriturárias e metodológicas, incluindo a alfabetização científica, a educação prisional, a evasão escolar, o ensino de filosofia, o capital cultural nas experiências de intercâmbio científico, a educação por abordagens geracionais e a gestão da evasão nas políticas educacionais. Destacamos ainda neste número a entrevista com o Professor Marlon Miguel, estudioso da obra de Fernand Deligny, abordando entre outros elementos a referência à obra dele com as crianças autistas. Um dossiê sobre o autismo foi publicado no número anterior da ETD (volume 22, n. 01, 2020) e consideramos importante a contribuição dessa entrevista para ampliar as abordagens sobre o tema.

Esperamos que a leitora e o leitor experienciem momentos frutíferos de reflexão e que, acima de tudo, cuidem com o maior zelo possível daquelas/es que lhe são caras/os. Nesse momento, parte dos contatos necessários aos cuidados ocorrem virtualmente, mas desejamos que em breve possam reencontrar a todas e todos, com muita vivacidade e nas cores que só a presença física nos permite captar.